

"Delicioso de ler." – SOPHIE KINSELLA

Jenny  
COLGAN

A  
Praia  
Infinita

Uma história  
na pequena ilha  
da Escócia



*A*  
Praia  
Infinita

Jenny  
COLGAN

A  
Praia  
Infinita



Título original: *The Endless Beach*

Copyright © 2018 por Jenny Colgan  
Copyright da tradução © 2023 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Camila Fernandes  
*preparo de originais:* Karen Alvares  
*revisão:* Mariana Bard e Pedro Staite  
*diagramação:* Natali Nabekura  
*ilustração do mapa:* © Viv Mullett | The Flying Fish Studios  
*capa:* Hannah Wood | LBBG  
*imagem de capa:* Kate Forrester  
*adaptação de capa:* Gustavo Cardozo  
*impressão e acabamento:* Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

C659p

Colgan, Jenny, 1972-

A praia infinita / Jenny Colgan ; tradução Camila Fernandes. -

1. ed. - São Paulo : Arqueiro, 2023.

352 p. ; 23 cm.

Tradução de: The endless beach

Sequência de: A pequena ilha da Escócia

ISBN 978-65-5565-452-3

1. Romance escocês. I. Fernandes, Camila. II. Título.

23-81988

CDD: 828.99113

CDU: 82-31(411)



---

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minhas primas Marie e Carol-Ann Wilson,  
por seu trabalho maravilhoso no acolhimento  
de bebês e crianças.*



## *Um recado da Jenny*

Oi!

Quando escrevi pela primeira vez sobre os acontecimentos na pequena ilha escocesa de Mure, me diverti tanto que quis repetir a dose. Para mim, há algo muito especial nas comunidades das Terras Altas e das ilhas da Escócia, que são lindíssimas – mas também pode ser difícil viver lá.

Uma recapitulação rápida a respeito do último livro, caso você não tenha lido – o que, aliás, não importa –, ou só para não ter que quebrar a cabeça lembrando quem é quem, porque eu detesto ter que fazer isso e minha memória para nomes é terrível. (Também estou dizendo isso já por precaução, caso a gente se esbarre por aí e eu esqueça o seu nome!)

Então: Flora MacKenzie, assistente jurídica em Londres, foi mandada para a remota ilha escocesa de Mure – onde ela nasceu e cresceu – para ajudar o chefe, Joel (um cara bem gato e difícil).

Reunida com o pai e os três irmãos, ela percebeu o quanto tinha saudade de casa e, para sua própria surpresa, decidiu ficar lá e abrir uma cafeteria, a Delicinhas da Annie, que vende os produtos locais maravilhosos da fazenda de sua família, além de preparar receitas antigas do livro de sua falecida mãe.

Para surpresa de todo mundo, Joel, o chefe, também decidiu se mudar, trocando a correria doida que tinha por uma vida mais calma e estável. Ele e Flora ainda estão dando os primeiros e vacilantes passos num relacionamento amoroso.

Os dois trabalhavam para Colton Rogers, um bilionário dos Estados Unidos que queria comprar metade da ilha; nisso, Rogers se apaixonou por Fintan, irmão de Flora e talentoso produtor de queijo. Entendeu tudo até

aqui? Com certeza, há alguma coisa que mexe com a gente na água lá do norte (além de um wi-fi terrível e invernos longos, o que é um incentivo)...

As outras duas pessoas que você precisa conhecer são Saif e Lorna, que apareceram em *Um lugar muito distante*, um conto passado em Mure que escrevi para a série Quick Reads.

Saif é médico – um refugiado sírio que passou por dificuldades inacreditáveis para chegar à Europa e recebeu asilo no Reino Unido, com a condição de usar suas habilidades médicas onde fossem mais necessárias: nas partes mais remotas da Grã-Bretanha. Agora, ele está sem notícias de sua família há mais de um ano.

Lorna é diretora e professora de uma escola de ensino fundamental na ilha, além de melhor amiga de Flora.

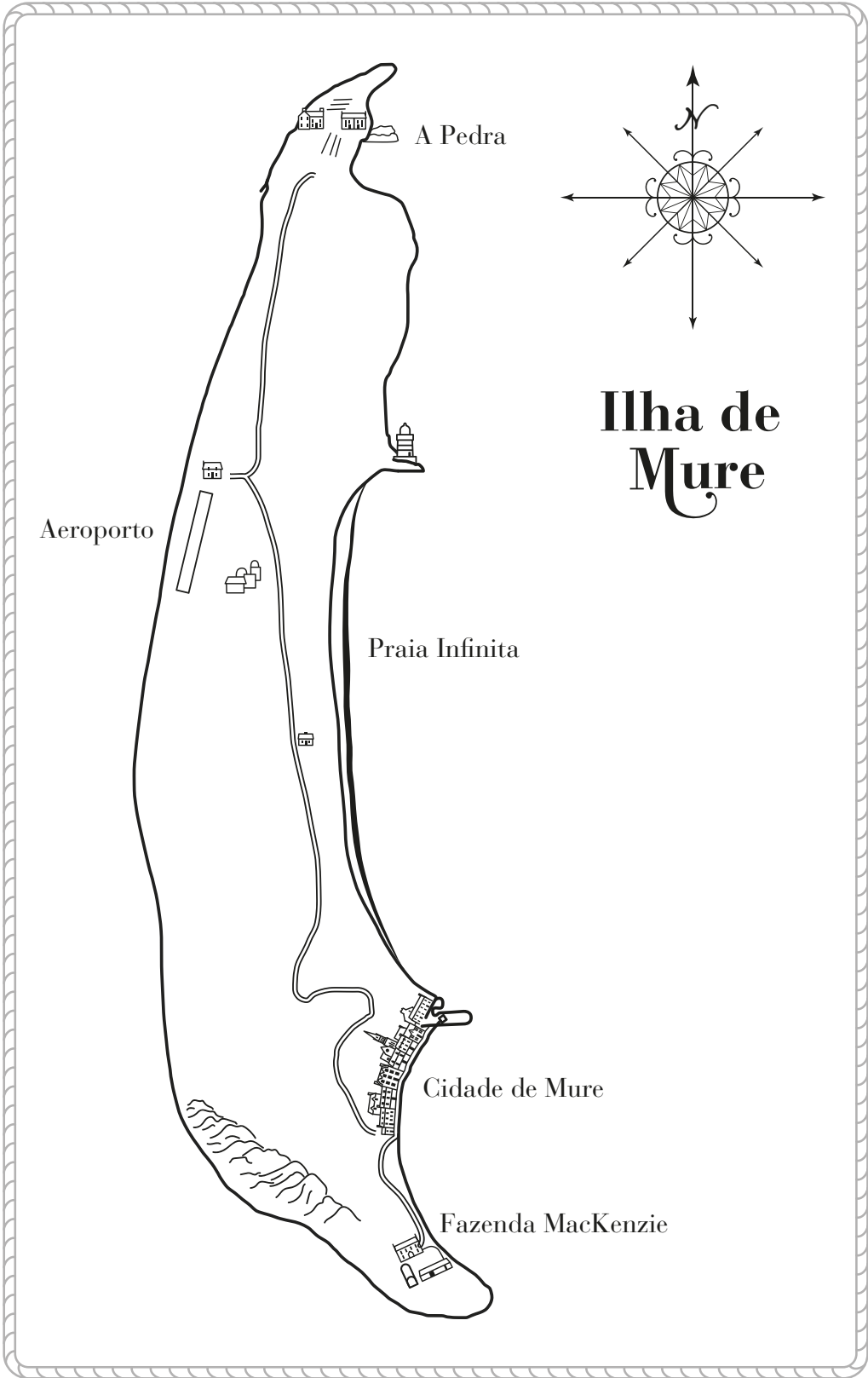
Pronto, acho que acabei o resumo! Ah, não... Tem mais uma coisa.

Na minha série de romances de Rosie Hopkins, há uma antagonista que é assistente social, e vários assistentes sociais me escreveram para dizer que trabalham com poucos recursos e subvalorização, em circunstâncias muito difíceis, e que não acharam muito justo o retrato que pintei.

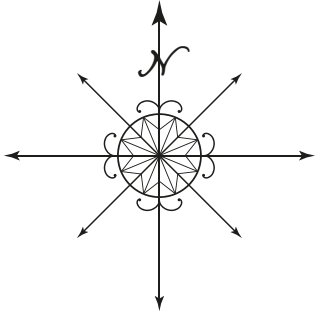
Então, dei mais uma olhada na personagem e concluí que eles tinham razão. Espero que as assistentes sociais neste livro ajudem a mitigar isso e a mostrar um pouco do respeito genuíno que tenho pelas pessoas dedicadas que fazem esse trabalho tão árduo dia após dia.

Enfim, torço muito para que você goste de *A Praia Infinita* e tenha um dia maravilhoso onde quer que esteja. E, se estiver de férias, primeiro saiba que estou com a maior inveja, já que aqui está chovendo sem parar; segundo: me mande uma selfie! Estou no Facebook e no Twitter: @jennycolgan!

Um beijo,  
*Jenny*



A Pedra



# Ilha de Mure

Aeroporto



Praia Infinita



Cidade de Mure



Fazenda MacKenzie





## *Uma notinha rápida sobre pronúncia*

Além de dizer “ch” como se estivesse prestes a tossir, aqui está um guia rápido da pronúncia de alguns dos nomes mais tradicionais que aparecem neste livro:

Agot – *Ágot*

Eilidh – *Êilei*

Innes – *Ínis*

Iona – *Aiôna*

Isla – *Aila*

Saif – *Saíf*

Seonaid – *Chônitch*

Teàrlach – *Tchérlach*

*cynefin (subst.): o verdadeiro lugar de alguém;  
o lugar onde a pessoa se sente mais à vontade*

*Era uma vez um príncipe que morava numa torre alta, toda feita de gelo. Ele, no entanto, nunca tinha se dado conta disso, pois nunca vira nada diferente nem estivera em outros lugares. Para ele, sentir frio o tempo todo era normal, já que nunca sentira outra coisa.*

*Ele era o príncipe de um vasto deserto; reinava sobre ursos e animais selvagens e não dava satisfações a ninguém.*

*Os sábios conselheiros propunham que viajasse, que se casasse, que buscasse conhecer outras pessoas. Mas ele recusava tudo isso, dizendo:*

*“Estou muito bem aqui.”*

*Por fim, a torre de gelo ficou espessa e impenetrável; nada crescia lá, e era impossível escalá-la; dragões rodeavam o lugar, que se tornou perigoso. Mesmo assim, o príncipe não arredou pé dali.*

*Muitos tentaram escalar a torre para resgatá-lo, mas ninguém conseguiu. Até que um dia...*



## *Capítulo um*

Mesmo no começo da primavera, era bem escuro em Mure.

Flora não se importava; adorava quando os dois acordavam de manhã, aconchegados e bem juntinhos na escuridão total. Joel tinha um sono muito leve (Flora não sabia que, antes de conhecê-la, ele mal dormia) e, em geral, já estava acordado quando ela esfregava os olhos; o rosto dele, normalmente tenso e alerta, se enternecia ao vê-la, e ela sorria, mais uma vez surpresa, perplexa e assustada com a profundidade do que sentia, de como tremia no ritmo do coração dele.

Ela adorava até as manhãs mais geladas, quando precisava se esforçar muito para sair da cama. Era diferente quando você não tinha que passar uma hora no transporte público espremida entre milhões de outros passageiros, respirando germes, sendo empurrada e deixando sua vida mais desconfortável do que precisava ser.

Em vez disso, Flora punha a turfa úmida no fogão do lindo chalé de hóspedes em que Joel se instalava enquanto trabalhava para Colton Rogers, o bilionário que era dono de metade da ilha. Ela reavivava as chamas e, num instante, o cômodo ficava ainda mais acolhedor, a luz tremeluzente do fogo lançando sombras nas paredes caiadas.

A única coisa que Joel insistira em ter lá era uma cafeteira caríssima de última geração, e Flora o deixava mexer na máquina enquanto ele trabalhava remotamente e fazia os comentários de sempre sobre os muitos e variados modos como a internet da ilha deixava a desejar.

Flora pegava o café, vestia uma velha blusa de lã e ia até a janela, onde podia ficar sentada em cima do antigo aquecedor a óleo, do tipo que existia

nas escolas, mas custara uma fortuna a Colton. De lá, olhava para o mar escuro, que, às vezes, nos dias de vento, ficava cheio de pontas brancas; outras vezes tornava-se espantosamente claro, caso em que, mesmo de manhã, podia-se olhar para o céu e ver as estrelas frias e brilhantes. Em Mure, não havia poluição luminosa. As estrelas eram maiores do que Flora se lembrava de ter visto quando criança.

Ela envolveu a caneca com as mãos e sorriu, ouvindo o barulho do chuveiro.

– Aonde você vai hoje? – gritou ela.

Joel enfiou a cabeça pela fresta da porta.

– Primeiro, pra Hartford – respondeu ele. – Passando por Reykjavik.

– Posso ir com você?

Joel olhou para ela com seriedade. Trabalho não era diversão.

– Deixa, vai. A gente pode se pegar no avião.

– Não sei, não...

Colton tinha um avião que usava para ir e vir de Mure, e Flora ficava absolutamente indignada que a aeronave fosse restrita aos assuntos da empresa e nunca a deixassem entrar nela. Um avião particular! Na verdade, era inimaginável. Em se tratando de trabalho, porém, era impossível levar Joel para o mau caminho. Na verdade, era difícil levá-lo para o mau caminho em qualquer situação. Às vezes, Flora se preocupava com isso.

– Aposto que as comissárias de bordo já viram de tudo na vida – disse ela.

Sem dúvida, era verdade, mas Joel já estava rolando a tela do *Wall Street Journal* e não prestava mais atenção.

– Volto daqui a duas semanas, numa sexta. Colton está literalmente consolidando... Bem...

Flora queria que ele pudesse comentar mais sobre os assuntos profissionais, como fazia quando ela ainda trabalhava no escritório de advocacia. Não era só questão de confidencialidade; ele era reservado em relação a tudo.

Ela fez beicinho.

– Assim você não vai ver os Argylls.

– Como é que é?

– É uma banda. Eles estão em turnê e vão tocar no Recanto do Porto. São muito legais.

Joel deu de ombros.

– Não ligo pra música.

Flora se aproximou dele. A música corria nas veias de todo mundo em Mure. Antes da chegada das balsas e dos aviões, as pessoas tinham que criar uma diversão própria, e todas participavam com entusiasmo, ainda que nem sempre com muito talento.

Ela dançava bem e até sabia tocar um instrumento, o *bodhrán*, se não houvesse ninguém mais talentoso disponível. Seu irmão Innes era um violinista melhor do que admitia. O único irmão que não sabia tocar nada era o grandalhão Hamish; a mãe deles costumava lhe dar um par de colheres e deixá-lo se virar.

Flora envolveu Joel nos braços.

– Como é que pode não ligar pra música? – perguntou.

Joel piscou, surpreso, e olhou por cima do ombro dela. Era besteira, na verdade – uma bobagenzinha no carrossel infinito que fora sua infância difícil –, que toda escola nova fosse uma nova chance de errar: vestir as roupas erradas, gostar da banda errada. Além do medo de errar, havia também sua falta de habilidade, ao que parecia, para aprender as regras. As bandas legais mudavam tanto que era absolutamente impossível acompanhar as tendências.

Ele achava mais fácil abdicar por completo dessa responsabilidade.

Nunca tinha feito as pazes com a música. Nunca se atrevera a descobrir do que gostava. Não tivera um irmão ou uma irmã mais velha para indicar o caminho.

Com as roupas, era a mesma coisa. Só usava duas cores – azul e cinza, sempre em peças impecáveis nos melhores tecidos –, não por uma questão de gosto, mas porque parecia a decisão mais simples. Assim, não tinha que pensar no assunto.

Se bem que já havia saído com modelos suficientes para aprender muito sobre roupas; nesse ponto, elas tinham sido de grande ajuda.

Joel olhou para Flora. Ela voltara a observar o mar. Às vezes, ele tinha dificuldade para distinguir Flora da paisagem de Mure. Os cabelos dela eram os ramos das algas que se espalhavam pelas dunas brancas dos ombros; suas lágrimas, as gotas de água salgada respingando numa tempestade; a boca, uma concha perfeita. Ela não era nenhuma modelo – muito pelo contrário. Parecia tão estável e sólida quanto a terra debaixo de seus pés; Flora era

uma ilha, uma vila, uma cidade, um lar. Ele a tocou com delicadeza; mal conseguia acreditar que estavam juntos.

Flora conhecia esse toque e não era capaz de rejeitá-lo.

Às vezes, o jeito como ele olhava para ela a deixava apreensiva; era como se ela fosse uma coisa frágil e preciosa. E Flora não era nada disso. Era só uma mulher normal, com as mesmas preocupações e defeitos que todo mundo tem. Um dia, Joel ia perceber isso, e ela morria de medo do que aconteceria quando ele entendesse que não estava com uma *selkie*; que Flora não era uma criatura mágica que havia se materializado para resolver a vida dele... Tinha pavor do que aconteceria quando ele percebesse que ela era só uma pessoa normal que era cheia de inseguranças e gostava de usar umas roupas bem fuleiras aos domingos... O que aconteceria quando tivessem que discutir sobre detergente?

Ela deu um beijinho na mão dele.

– Para de me olhar como se eu fosse uma fada do mar.

Ele sorriu.

– Pra mim, você é, sim.

– A que horas é o seu...? Ah.

Flora sempre esquecia que o avião de Colton obedecia ao horário deles, não ao de uma companhia aérea.

Joel consultou o relógio.

– É agora mesmo. Colton está uma pilha de nervos hoje... Quer dizer... Tem muita coisa pra fazer.

– Não vai tomar café da manhã?

Joel fez que não.

– O mais absurdo é que vão servir pão e bolinhos da Delicinhas da Annie no voo.

Flora sorriu.

– Olha só como *a gente* é chique. – Ela o beijou. – Volta logo.

– Por quê? Aonde você vai?

– A lugar nenhum – respondeu Flora, puxando-o para junto dela. – Nenhunzinho.

Então ela o viu partir sem olhar para trás e suspirou.

O estranho era que só durante o sexo ela sentia, com cem por cento de certeza, que ele estava presente; completa e absolutamente presente,

acompanhando-a em cada respiração, em cada movimento. Era diferente de tudo que ela já tinha experimentado.

Já tivera namorados egoístas, namorados exibidos e outros puramente incompetentes, com o potencial arruinado pela pornografia que consumiram antes de serem homens-feitos. Mas não tivera nenhum assim – tão intenso, quase desesperado, como se estivesse tentando encaixar a totalidade do seu ser sob a pele dela. Sentia que ele a conhecia completamente e que ela o conhecia à perfeição. Pensava nisso o tempo todo. Mas ele quase nunca estava lá, e, no resto do tempo, Flora continuava não sabendo o que passava pela cabeça dele, assim como não sabia quando se conheceram.



E agora, um mês depois, já não estava tão escuro, mas Joel estava sempre viajando, ocupado com um projeto após o outro. Flora também ia viajar nesse dia, mas não era a nenhum lugar assim tão interessante, e, ai, ia ter que voltar para a fazenda.

Ficar no quarto em que crescera, com a mesma cama de solteiro, seus velhos e empoeirados troféus de dança das Terras Altas ocupando as paredes, dava a Flora, agora adulta, uma sensação que a deixava irritadiça. Era o mesmo com a noção de que não importava quão cedo acordasse – e parecia ser muito, muito cedo –, o pai e os três irmãos que trabalhavam na fazenda já estariam ordenhando as vacas havia mais de uma hora.

Bom, menos Fintan. Ele era o gênio gastronômico da família e passava a maior parte do tempo fabricando queijo e manteiga para a Delicinhas da Annie – e, em breve, assim esperavam, para o novo hotel de Colton, a Pedra. Os outros meninos – Hamish, forte e obtuso, e Innes, o mais velho –, porém, saíam fizesse chuva ou sol, luz ou escuridão, e, por mais que ela tentasse convencer Eck, seu pai, a trabalhar menos, ele geralmente ia também. Quando Flora trabalhava em Londres como assistente jurídica, brincavam que ela era preguiçosa. Agora que administrava uma cafeteria inteira sozinha, ela esperara provar que estavam errados, mas eles ainda a viam como a preguiçosa que só se levantava às cinco da manhã.

Tinha que sair dali. Havia alguns chalés para alugar na vila de Mure, mas a Delicinhas da Annie não rendia o suficiente para pagar uma extravagância

dessas. Não havia outro jeito. Os produtos de Mure eram maravilhosos – a manteiga orgânica fresca, batida em leiterias locais, o queijo espetacular feito por Fintan, os melhores peixes e mariscos das águas cristalinas, a chuva que fazia crescer o capim mais doce do mundo, engordando o gado. Mas tudo isso tinha um custo.

Calculou mentalmente, por um instante, que horas eram em Nova York, onde Joel, seu namorado – e percebeu que parecia absurdo chamá-lo de namorado –, estava trabalhando.

Joel já tinha sido chefe de Flora, e foi mandado ao norte com ela para cuidar de um assunto jurídico para Colton Rogers. Mas ser chefe dela era só parte da história. Ela passara anos a fim dele, desde o momento em que o vira pela primeira vez. Ele, por outro lado, passava a vida saindo com modelos e nem notava a existência dela. Flora nunca tinha imaginado que poderia chamar a atenção de Joel. Um dia, finalmente, depois de trabalharem juntos no verão anterior, ele havia relaxado o bastante para reparar nela; o bastante, no fim, para se mudar para Mure e trabalhar para Colton de lá.

Só que, obviamente, não era bem assim.

Colton deixara um chalé de hóspedes à disposição dele, uma linda cabana de caça toda reformada, enquanto a Pedra se preparava para a inauguração oficial, o que estava demorando para acontecer. Depois, ele tinha saído pelo mundo, cuidando de suas várias empresas bilionárias – o que parecia exigir que Joel o acompanhasse o tempo todo. Ela mal o vira durante o inverno. Agora, Joel estava em Nova York. Coisas como montar uma casa, sentar-se e conversar pareciam completamente além da compreensão dele.

Em tese, Flora sabia que ele era viciado em trabalho, já que tinha sido sua funcionária por muitos anos. Só não imaginara como isso afetaria o relacionamento deles. Ela parecia ficar apenas com as migalhas – e olha que não havia muitas. Nem mesmo uma mensagem para indicar que ele sabia que Flora iria para Londres naquele dia para assinar os documentos da demissão.



No começo, Flora não sabia ao certo se conseguiriam manter a Delicinhas da Annie aberta no inverno, quando os turistas sumiam, as noites ficavam

tão longas que nunca havia luz de verdade e passar o dia na cama debaixo dos cobertores era a maior tentação.

Mas, para sua surpresa, a Delicinhas teve clientes todos os dias. Mães com bebês; pessoas idosas parando para conversar com os amigos e comer um bolinho de queijo; o grupo de tricô responsável pelas encomendas de peças no estilo da ilha Fair, que geralmente se reunia nas cozinhas uns dos outros e que agora havia decidido fazer da Delicinhas da Annie seu lar. Flora nunca enjoava de ver a velocidade e a graça fenomenais com que os dedos velhos e encarquilhados produziam os lindos padrões em todo tipo de lã.

Tanto é que Flora havia constatado: agora, esse era o trabalho dela. Esse era o seu lugar. Originalmente, a empresa em Londres lhe dera uma licença para trabalhar com Colton, mas o período tinha acabado e ela precisava pedir demissão. Joel também precisava fazer isso, pois trabalhava para Colton em tempo integral. Flora vinha adiando a ida a Londres, esperando que os dois conseguissem ir juntos para assinar os documentos, mas isso parecia meio improvável.

Então, nesse dia, ela ajudou Isla, uma das duas jovens que trabalhavam com ela, a abrir a Delicinhas da Annie.

Haviam pintado o imóvel com o mesmo rosa-clarinho que tinha antes de ficar largado e começar a descascar. Agora, a cor fazia um belo contraste com o preto e branco do hotel Recanto do Porto, o azul-claro da loja de equipamentos para pesca e o creme das muitas lojas de lembrancinhas à beira-mar que vendiam blusas de lã grandonas, suvenires de conchas e esculturas em pedra, tartãs (é claro), miniaturas de vacas das Terras Altas, balas de caramelo e quadradinhos de doce de leite. Muitas fechavam no inverno.

Um vento forte vinha do mar, jogando respingos de água salgada e chuva no rosto de Flora, que sorriu ao sair da casa na fazenda e correr colina abaixo, o único trajeto que fazia ultimamente. O tempo podia estar gelado – embora estivesse usando um casaco acolchoado gigantesco que a isolava de praticamente tudo –, mas ainda assim não trocaria esse caminho por um vagão de metrô superaquecido e superlotado, com uma avalanche de seres humanos subindo as escadas, frio, calor, frio, calor, ultrapassando mais e mais gente, ouvindo gritos e bate-bocas, carros colidindo e buzinando sem parar, entregadores em bicicletas berrando com taxistas, trens passando a

toda a velocidade, folhetos gratuitos voando pelos ares e pelas ruas com embalagens de fast-food e guimbas de cigarro... Não, pensou Flora; mesmo numa manhã gelada dessas, era possível fazer seu trajeto. Ela não tinha a menor saudade.

A Delicinhas da Annie estava toda iluminada e dourada. Era um lugar simples, com dez mesas de antiquários espalhadas estrategicamente pela sala ampla. O balcão, vazio no momento, logo estaria cheio de bolinhos, tortas, quiches, saladas e sopas caseiras que Iona e Isla preparavam nos fundos. A Sra. Laird, padeira local, deixava todo dia duas dúzias de pães, que esgotavam bem depressa, e a cafeteira não parava de funcionar do amanhecer até o pôr do sol. Flora ainda não conseguia acreditar que aquilo existia, e que era graças a ela. De alguma forma, depois de voltar àquele lugar que conhecia tão bem e encontrar o velho livro de receitas de Annie, sua falecida mãe, aquela parecera uma decisão feliz, não desperada, nem triste.

Na época, tinha parecido um salto enorme e absurdo. Agora, olhando para trás, parecia totalmente óbvio, como se fosse a única coisa possível a ser feita. Como se aquele fosse o seu lar, e as mesmas pessoas das suas lembranças de infância – que agora estavam mais velhas, mas tinham o mesmo rosto, passado de geração a geração – eram parte do mundo dela tanto quanto sempre foram, e o essencial em sua vida – Joel, a Delicinhas da Annie, a previsão do tempo, a fazenda, o frescor dos produtos locais –, de alguma forma, importava mais para ela do que o Brexit, o aquecimento global e o destino do mundo. Ela não estava em isolamento; estava em renovação.

Assim, Flora estava com um bom humor fora do comum quando tirou a manteiga da família MacKenzie da geladeira – cremosa, salgada e, sinceramente, capaz de eclipsar todas as outras manteigas do mundo – e viu todas as canecas de cerâmica de queima local prontas e enfileiradas. Havia um imigrante inglês morando num chalezinho depois das fazendas que as fazia num forno nos fundos. Eram peças grossas e bem queimadas em tons terrosos – areia, cinza e bege –, perfeitas para manter o *latte* quentinho, com bordas finas levemente voltadas para dentro e uma base bem mais espessa. Tiveram que mandar fazer uma placa avisando educadamente que as canecas estavam à venda; do contrário, as pessoas continuariam a roubá-las. As vendas haviam gerado uma renda paralela muito conveniente, além de uma

vida nova e inesperada para o ceramista Geoffrey, de lá depois da estrada da velha Fazenda Macbeth.

Assim que ela virou a placa de FECHADO para ABERTO, o céu se abriu, dando a impressão de que talvez ganhassem um ou dois raios de sol em meio à ventania, e isso também a fez sorrir. Joel estava longe, o que era triste. Mas, depois que tirasse da frente aquela viagem besta a Londres, talvez pudesse chamar Lorna para maratonar episódios atrasados de um reality show e dividir uma garrafa de prosecco. Ela não fazia muita coisa, mas podiam muito bem rachar um vinho e, sério, no fim das contas, tinha algo melhor que isso na vida?

Uma música de que Flora gostava começou a tocar no rádio, e ela ficou tão contente quanto alguém pode verdadeiramente ficar no meio de fevereiro. Nisso, uma sombra apareceu em frente à entrada.

Ela abriu a porta para a primeira cliente do dia, que recuou um pouco diante da corrente de ar gelado; Flora piscou enquanto a pessoa bloqueava a luz vinda de trás dela. Então, seu bom humor se dissipou um pouco. Era Jan.

Quando chegara a Mure, Flora tinha conhecido um cara legal – muito legal – chamado Charlie, ou Teàrlach. Ele organizava atividades de férias ao ar livre na ilha, às vezes para homens de negócios, advogados e empresas, o que pagava as contas, e às vezes para crianças desfavorecidas do continente, o que fazia por consciência social.

Charlie havia gostado de Flora, e ela, conformada com a ideia de que nunca ficaria com Joel, tinha flertado um pouco com ele – bom, mais do que só um pouco, pensou ela. Sempre ficava com vergonha ao lembrar com que rapidez havia pulado de um para o outro. Mas Charlie era um cavalheiro e fora compreensivo.

O problema, porém, é que na época ele estava dando um tempo do namoro com Jan, com quem trabalhava.

Em seguida, Jan havia decidido que Flora era uma sirigaita irresponsável e que, se Charlie havia se afastado da namorada, a culpa era toda dela. Jan nunca perdoara Flora, humilhando-a em voz alta e em público sempre que tinha chance.

Normalmente, Flora não ficava muito incomodada com esse tipo de coisa. Mas, numa ilha do tamanho de Mure, era bem complicado não esbarrar com alguém com certa frequência, e, quando essa pessoa não gostava de você, era meio cansativo.

Nesse dia, porém, Jan – que era alta, tinha cabelos curtos e práticos, rosto quadrado e determinado, além da convicção constante de que estava salvando o mundo (trabalhava com Charlie nas atividades ao ar livre) e que as outras pessoas eram todas esbanjadoras e irresponsáveis – estava sorrindo.

– Bom dia! – cantarolou.

Flora olhou para Isla e Iona, que ficaram tão surpresas quanto ela com a alegria de Jan. As duas deram de ombros.

– Hã... Oi, Jan – respondeu Flora.

Em geral, Jan a ignorava e fazia o pedido às garotas, tagarelando em voz alta o tempo todo como se Flora não existisse. Flora teria barrado sua entrada se pudesse, mas não era o tipo de pessoa que barrava alguém e não tinha a menor ideia de como fazer uma coisa dessas. Em todo caso, parecia meio contraproducente barrar uma pessoa que trabalhava no programa de aventuras ao mesmo tempo que distribuía de graça, por intermédio de Charlie, a comida prestes a vencer para as crianças que participavam.

– Olá! – Jan abanava a mão esquerda ostensivamente.

Flora achou que ela estivesse acenando para alguém do outro lado da rua. Felizmente, Isla era um pouco mais atenta nesse tipo de coisa e exclamou:

– Jan! Isso aí é um anel de noivado?

Jan corou e tratou de parecer o mais modesta possível, o que não era grande coisa, e exibiu a mão num gesto tímido.

– Então, você e Charlie vão se casar? – perguntou Isla. – Que legal!

– Parabéns! – disse Flora, alegre de verdade.

Sentira-se culpada pela situação com Charlie; o fato de ele estar feliz o bastante com aquela vida para pedir Jan em casamento era uma ótima notícia.

– Que maravilha! Estou muito feliz por vocês!

Ao ouvir isso, Jan pareceu um tanto desconcertada, como se, em segredo, esperasse ver Flora se jogar no chão e rasgar as roupas de tanta tristeza.

– Então, quando vai ser? – perguntou Iona.

– Bom, vai ser lá na Pedra, é claro.

– Se a Pedra ficar pronta – comentou Flora.

Não sabia por que Colton adiava tanto a inauguração do hotel.

Jan ergueu as sobrancelhas.

– Ah, tenho certeza de que aqui tem gente que sabe fazer o serviço...

Tem granola hoje?

E Flora precisou admitir, irritada, que não tinha.

– Bom, que notícia maravilhosa – repetiu.

Depois, não quis mais insistir no assunto para que ninguém pensasse que ela queria receber um convite, porque aquilo era a última coisa que desejava. Muita gente tinha visto Flora e Charlie juntos na vila no verão anterior e se lembrava de como Jan havia surtado depois de encontrá-los aos beijos. A última coisa de que precisava era que a fofoca ressuscitasse, logo agora que as pessoas finalmente tinham parado de comentar.

Por isso, foi para trás do balcão e perguntou:

– Vai querer mais alguma coisa?

– Quatro fatias de quiche. Então... Pelo que eu sei, em geral a sua comida tem açúcar demais e vocês desperdiçam muito... não é?

Flora notou que nem a felicidade absoluta havia diminuído o prazer de Jan em fazer os comentários mais negativos possíveis sobre praticamente tudo.

– Desculpa, como é que é?

– Bom – respondeu Jan, com um sorriso brincando nos lábios. – A gente achou que vocês gostariam de fazer o bufê do casamento.

Flora ficou surpresa. Estava desesperada para prestar serviços de bufê; a Pedra não dava o menor sinal de inaugurar, e ela queria muito ganhar mais dinheiro. Assim poderia pagar salários melhores às garotas. Preferiria não ter todo mundo olhando para ela enquanto assistia ao casamento de Charlie, mas, no fim das contas, não ligava para isso, não é? O pagamento viria a calhar, e Flora ficaria o tempo todo nos bastidores, cuidando das coisas na cozinha. Na verdade, aquela talvez fosse a melhor solução possível.

– Claro! – disse ela. – Vamos adorar!

Jan franziu o rosto outra vez. Flora teve a impressão de que a mulher havia imaginado toda uma cena em que a situação seria, de alguma forma, humilhante para ela. Não entendia qual era a vantagem, mas com certeza não daria a Jan o prazer de pensar que, no fundo, Flora sentia algo além de satisfação.

Jan se aproximou.

– Seria um lindo presente de casamento – disse ela.

Flora piscou, perplexa.

O silêncio tomou conta da cafeteria, interrompido apenas pelo som do sino na porta à medida que os clientes de sempre começavam a entrar e Isla e Iona iam para lá e para cá atrás do balcão, servindo-os, estabelecendo uma distância segura das duas, longe daquela conversa difícil, mas ainda conseguindo ouvi-la.

– Ah – respondeu Flora, finalmente. – Não, acho que... Acho que precisaríamos cobrar. Sinto muito.

Jan assentiu, com uma solidariedade fingida.

– Entendo que deve ser difícil pra você – disse, por fim, e Flora não pôde fazer nada além de olhar para a frente, alegremente. – Eu achava que, com aquele seu namorado rico, você ia querer fazer uma boa ação pela ilha...

Flora se segurou para não explicar que não era assim que a banda tocava, nem de longe, e que nunca nem sonharia em aceitar um único tostão de Joel; na verdade, a simples ideia de pedir dinheiro a ele a deixava horrorizada. Nunca tinham conversado sobre dinheiro. Ao pensar nisso, percebeu que nunca tinham conversado sobre quase nada, mas deixou para lá.

Joel, que não entendia essas coisas lá muito bem, recebia o silêncio como um alívio muito bem-vindo depois das mulheres com quem tinha saído, que ficavam emburradas e sempre queriam fazer compras. Mas também presumia que Flora não queria nem precisava de nada, o que tampouco era verdade.

Mais do que isso, porém, o que a incomodava era a ideia de Jan e sua família rica e bem alimentada empanturrando-se de um dos famosos pratos da Delicinhas – lagosta, ostras, pão e manteiga da melhor qualidade, carne do gado local e o melhor queijo da região, tortas lustrosas e creme fresco. Iam comer tudo e gargalhar, gabando-se por não terem pagado nada...

Flora embalou os pedaços de quiche num saco e abriu a caixa registradora sem dizer mais nenhuma palavra. Jan contou o dinheiro bem devagar, com um sorriso condescendente, e depois saiu, deixando Flora observando-a e fervendo de raiva.

Iona a viu sair.

– Que pena – comentou.

– Essa mulher é um monstro – resmungou Flora.

Seu bom humor se dissipara quase por completo.

– Não, é que eu queria muito ir ao casamento – explicou Iona. – Aposto que vai ter uns caras bem gatos na festa.

– Você só pensa nisso? Em conhecer uns caras? – perguntou Flora.

– Não, eu só penso em conhecer uns caras que não sejam pescadores.

– Epa! – exclamou um grupo de pescadores que estava aquecendo as mãos geladas em volta das grandes canecas de chá e devorando pão fresquinho.

– Não é nada pessoal – respondeu Iona. – Mas vocês estão sempre com cheiro de peixe e vira e mexe perdem o polegar porque engancharam o dedo nas redes, né?

Os pescadores se entreolharam, abanaram a cabeça e concordaram que era verdade, bem verdade, e que aquela era uma profissão perigosa.

– Então tá! – disse Flora, jogando as mãos para o alto. – Tenho que pegar um avião.

## CONHEÇA OS LIVROS DE JENNY COLGAN

A pequena livraria dos sonhos

A padaria dos finais felizes

A adorável loja de chocolates de Paris

Um novo capítulo para o amor

A pequena ilha da Escócia

Um lugar muito distante

A Praia Infinita

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

